

Vivo e em cada esquina do Rio de Janeiro

Leonor Xavier

EM celebração pelo centenário do poeta, e porque Fernando Pessoa integra o universo de pensamento comum entre Portugueses e Brasileiros, poderíamos acrescentar à sua vida depois da morte a ideia de que ele está vivo, e bem, nas esquinas da cidade do Rio de Janeiro. No caminho de descobrir Fernando Pessoa na cidade, a ideia não foi a de ouvir testemunhos de especialistas de literatura portuguesa, que se organizam a tempo inteiro em torno da matriz cultural lusitana, nem dos universitários que se desdobram seriamente no propósito de conhecer a nossa expressão escrita, em teses e dissertações de estudo.

Assim se explica que não tenham sido consultadas pessoas como Leodegário de Azevedo Filho, professor titular da UERJ — Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Jorge Silveira, da UFRJ — Universidade Federal do Rio de Janeiro; Paulo Pereira, da UFF — Universidade Federal Fluminense; Gilda Santos, da PUC — Pontifícia Universidade Católica. Ou que não tenha sido ouvida, sobretudo, a professora Cleonice Berardinelli, que foi discípula de mestre Fidelino Figueiredo, e hoje se tornou o símbolo da sabedoria, do talento e da liderança na área dos estudos de literatura portuguesa no Brasil. Os estudos pessoanos no Rio de Janeiro envolvem actualmente os estudantes de bacharelato dos departamentos de Letras nas universidades, empenhados em múltiplos ciclos de palestras com debates, sessões de leitura, teses preparatórias de um futuro mestrado ou curso de pós-graduação futuro.

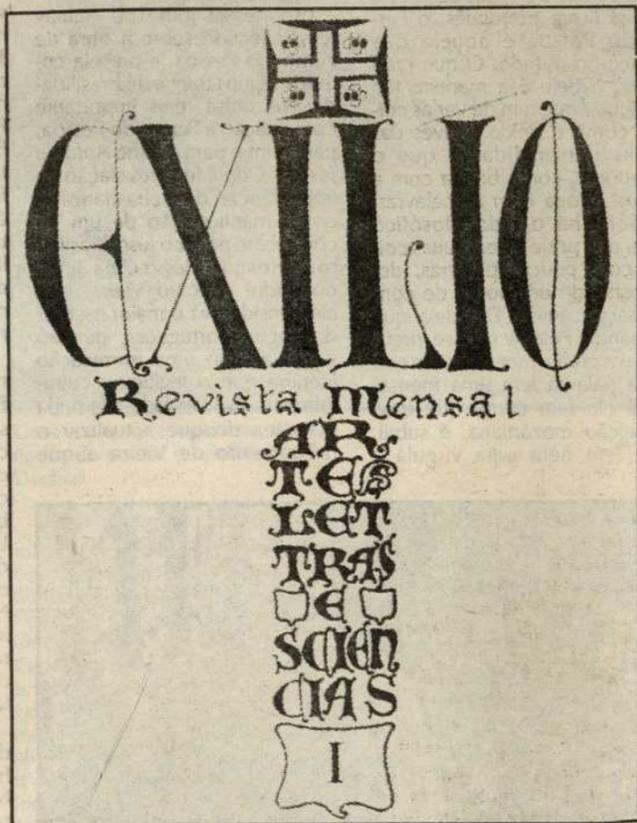
Também estes não participaram desta procura do poeta vivo, que mais tenta descobri-lo no improviso da cidade do que na investigação científica da sua obra. A aventura começou pelo modo de falar dos Brasileiros, na liberdade que em cada um é o espaço da sua opinião ou o seu particular entendimento da realidade. E continuou pelo desafio de guardar, intactas, as formas de dizer, o tom coloquial da língua portuguesa falada no Rio de Janeiro, sem a preocupação de transformá-la ou de lhe alisar os contornos de versatilidade.

A aventura foi-se desenvolvendo, em vozes diferentes, ao sabor do pensamento. As descobertas surgiram. Os Brasileiros conhecem Fernando Pessoa. Seu nome não passa sem resposta, sem reacção, sem uma referência vivida em algum momento, o jogo com ele é o de imaginar, e sensualmente dizer palavras/nome, palavras escritas em poema/prosa.

Para começar a aventura de reviver o poeta, quem melhor do que o outro poeta para falar dele? Em 1935, Carlos Drummond de Andrade tinha 33 anos e deixara já Minas Gerais pelo Rio de Janeiro, onde trabalhava a par do seu amigo Gustavo Capanema, ministro da Cultura. Nessa época, Drummond seguia já uma carreira clara, de vocação definida, formadas as estruturas fundamentais do seu espírito, e naturalmente distante da obra de Fernando Pessoa, ainda difusa no Brasil. Ele gostava muito de comentar a realidade brasileira, que julgava com argúcia, ironia e ternura, e entre umas e outras coisas da conversa que tantas vezes tínhamos no Rio, entusiasmou-se com o projecto anunciado em tentativa de busca de Fernando Pessoa. Era



Na Brasileira do Chiado. Entre outros, Teixeira de Pascoaes, Norberto de Araújo e o empregado de mesa João Franco



Capa da revista «Exílio», onde Pessoa publicou «Hora Absurda»

ainda uma época em que a sua própria morte não ameaçava se anunciar, e nessa manhã, ouvi assim de Drummond a força para esta peregrinação: «O culto que os Brasileiros têm por Fernando Pessoa é extraordinário, mas o Camões foi o grande poeta. Você sabe daquela história que aconteceu com o Jorge de Sena? Um dia, o Décio Pignatari, aquele poeta de São Paulo, foi visitá-lo, e começou a falar mal de Camões. O Jorge de Sena não fez por menos, ficou tão irritado que o expulsou de casa! O Fernando

Pessoa não comove, é frio, toca pelo lado intelectual, o Camões toca a gente no sentimento. O Fernando Pessoa é um poeta crítico, é extraordinário como consegue ser crítico e ser poeta! Penso que é bom você procurá-lo pela cidade, é bom você achar essa superficialidade criativa do carioca, ele brinca com as coisas, é sempre engraçado, divertido, tem um espírito anedótico, gostará de falado Fernando Pessoa por esse lado, porque isso lhe é natural.» Língua falada ou escrita, ou cantada. Assim o sente outro

grande poeta do Brasil, Caetano Veloso, na melodia que vale a pena ser conhecida, porque fluiu como um dos acontecimentos marcantes da euforia geral em vésperas de mudança é abertura para a Nova República:

«Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma confusão de paródias
Que encurtem dores

E furtam cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há-de negar que esta ihe é superior
E deixa os portugueses morrerem à míngua
«Minha pátria é minha língua»
Fala Mangureira!
Fala!

Como um grito de abre alas
em domingo de Carnaval, Ca-

mões com Fernando Pessoa e Guimarães Rosa, juntos com a estação primeira da Mangueira saíram assim nos palcos do Brasil inteiro, no poema cantado como só brasileiro sabe cantar poesia. Grito de alma, a que Caetano chamou *Língua*, com toda a força de uma palavra só.

Sonho ou frieza, tempo ou razão excepcionalmente, porque brasileiro é emocional, as pessoas vão contando o Fernando Pessoa que alguma vez cruzou seus caminhos. Márcio Doctors, de 35 anos, crítico de artes plásticas e filósofo, que aceita ser integrado na geração do milagre brasileiro, «a gente entrou na adolescência com a revolução de 64, e toda a nossa formação de cabeça se deu nestes vinte anos», entende dois níveis de sensações:

«A primeira coisa que me passa para falar de repente é que outro dia fui num sarau de poesia no Botanic e o Tito de Lemos, que estava lançando um livro de poemas, fez uma homenagem a Fernando Pessoa, recitando *Tabacaria*. A sensação que me dava é que as palavras dele são como um novelo. As palavras saem em forma de fio, e fazem uma torrente tão fascinante que pareciam vir de uma matéria só. Daquela estrutura extremamente racionalizada saía alguma emoção. O que a mim me impressiona na arte são os artistas capazes de tirar a emoção da razão, e naquele momento eu senti isso. Saía uma emoção, era uma coisa muito envolvente.»

A médica homeopática Lúcia Jardim, de 41 anos, vê em Fernando Pessoa «uma coisa de humanidade muito nostálgica, que abriu a consciência da gente», e segura o volume da *Poesia Completa* que tem vontade de reler agora. Leila Mendes, fonoaudióloga, de 33 anos, confessa que Fernando Pessoa não é um autor que ela conheça muito bem, mas reconhece que «quando se fala dele, é uma coisa muito familiar, nunca se diz 'não ouvi falar dele'. São

(Continua na pág. seguinte)



Um homem simples que, por vezes, bebia o seu copo de três...

Descobrir a «Mensagem» no improviso brasileiro

(Continuado da pág. anterior)

poemas sentimentais, alguns bem tristes, é isso o que me bate, quando penso».

Para alguns, Fernando Pessoa foi um ídolo da adolescência, e uma abertura para o conhecimento da cultura portuguesa. A jornalista Vivien Wyler, de 33 anos, acha que não é o exemplo mais comum de brasileira, porque entre 1965 e 1969 viveu em Lisboa, onde o pai tinha sido nomeado como piloto da TAP:

«A gente vivia toda aquela época de transição em Portugal, porque estava na adolescência. Para nós, o Fernando Pessoa é um referencial, quando éramos várias crianças brasileiras que em um mês tinham de se adaptar a um colégio diferente, num país diferente, e ouviam falar pela primeira vez da *Mensagem*. Em um mês, aprendemos toda a História de Portugal, fazíamos teatrinhos de Fernando Pessoa, e aquilo era um barato. Então, os poemas do Fernando Pessoa ficaram uma ponte para o Portugal, onde eu vivi, e deram-me aquela concepção de Portugal que aqui não se conhece. A gente brincava lá, e ficávamos fascinados descobrindo uma história de heróis e de mitos, diferente da nossa, que é uma história de militares. Quando leio ou ouço *Tabacaria*, a palavra do Fernando Pessoa me faz lembrar muita coisa que aqui não existe há séculos, que ninguém conhece, e que eu entendi em Portugal. Eu imagino o lugar, e até sinto o cheiro de uma tabacaria...»

A psicanalista Halina Grynberg, de 40 anos, aprendeu uma parte do mundo pelo convívio com o poeta, e recorda que chegou a sonhar com ele na adolescência: «Comecei a gostar de poesia por causa do Fernando Pessoa, assim como foi com Camilo Castelo Branco que aprendi o romance e com Gil Vicente o teatro, quando estudava no ginásio. Fernando Pessoa era mais do que um estudo obrigatório, houve uma fascinação muito grande por aquele lirismo que me falava directamente ao coração. Mais tarde, quando comecei a ler *Eça de Queirós*, descobri que aqueles escritores compunham um panorama de Portugal muito tentador para mim, uma época muito elegante, muito refinada. Ao mesmo tempo, ganhei uma noção de como funcionam as nossas raízes de brasilidade. Mas quando a gente é adolescente e tenta ser uma pessoa, vê o Fernando Pessoa com várias pessoas, isso é um atractivo a mais, que o torna mais apaixonante. Eu ficava impressionada pela nostalgia, pela melancolia da poesia dele. Quando lia *A Tabacaria*, tinha a sensação de que era uma criança para quem um homem mais velho olha, esse homem era o Fernando Pessoa, e essa imagem fazia parte dos meus sonhos eróticos.»

Também a jornalista Valdete Lima, com Elisa Bygton têm a dizer sobre a sua ligação com Fernando Pessoa em tempos de formação da personalidade. Valdete diz assim: «Ele teve uma influência muito grande, na medida em que estudando, você era obrigado a saber das realidades da literatura brasileira e portuguesa pelas raízes que nos cercavam. Fernando Pessoa foi importante na formação romântica da adolescência da gente, com as verdades que diz em cada poema. Para mim, o mais importante é que ele sempre fala da grandeza do ser humano. Ele não morreu para os Brasileiros, de jeito nenhum, es-

tará sempre vivo. Eu o coloco como o mestre dos mestres.»

Elisa Bygton, produtora do disco da gravadora Som Livre, em que compositores e artistas brasileiros, com a participação de Eugénia de Melo e Castro, prestam uma homenagem a Fernando Pessoa, conta que Francis Hime e Arrigo Barnabé lutavam por poder musicar mais poemas, e diziam: «Porquê só um?» Ela leu Alberto Caeiro e Álvaro Reis mais tarde, e gostava mais de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa durante a adolescência: «Ele é um poeta muito querido e popular, eu comecei a ler e logo me fascinaram todos os sujeitos, porque ali apareciam os meus problemas, e com ele eu perguntava: quem somos?, somos quantos?, ser sincero existe? Enquanto eu ia formando a minha identidade, era fascinada pelo drama torturado de Fernando Pessoa. Dependendo da fase da vida, a gente vai gostando mais de um ou de outro heterónimo.»

O fotógrafo Marcos Rodrigues, de 40 anos, fala da época em que fazia o seu curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: «Ele era o máximo para a nossa cabeça, e continua, porque a poesia não tem época. O Fernando Pessoa representava toda a poesia escrita em língua portuguesa, era uma coisa que estava à flor da pele, dizia coisas que nós assimilávamos, todos os que tinham sensibilidade, a gente adorava Fernando Pessoa, era uma coisa muito forte, muito curtiada.»

O poeta faz pensar os Brasileiros, em vários níveis de entendimento de sua obra, testemunhada por cada um de acordo com a sua evolução de vida, e a actividade desenvolvida junto da sociedade. Assim, a artista plástica Lygia Pape, fundadora do neoconcretismo brasileiro, fala de tempo filosófico, o pianista Arthur Moreira Lima, considerado um dos grandes intérpretes de Chopin no tempo de hoje, compara Fernando Pessoa a Mozart, e o cineasta Jom Tob Azulay divaga sobre o sebastianismo.

Lygia Pape fala da grande «invenção» de Fernando Pessoa: «Eu acho que ele é o grande



À mesa do café: reconhecem-se, ainda, Raul Leal e António Boto

poeta do sentido do tempo, além de o dizer nos poemas, o que ele faz com os heterónimos é incrível, é como se ele tivesse vivido várias vidas numa vida, como se tivesse feito do imaginário o real. Ele viveu mais do que todas as outras pessoas, inventou um tempo próprio com várias vidas, por onde transitou, isso é fantástico. Eu vejo nele camadas de tempo, não pessoas, no tempo que realiza pelos heterónimos, essa invenção é fantástica, esse tempo filosófico que ele cria. Dos poetas todos, além de Camões, que está ligado à História do Brasil, o Fernando Pessoa é o poeta estrangeiro (entre aspas) mais conhecido no Brasil, e mais admirado.»

Arthur Moreira Lima também fala de Camões, para pensar

Fernando Pessoa como o maior de todos os poetas: «Sobretudo pela dimensão universal da poesia dele. De todos os poetas que já li em português, o Fernando Pessoa é aquele que abraçou o mundo. O que mais me toca nele é a maneira tão particular que tem de ver as coisas, como é único através das várias personalidades que o compõem, como brinca com a língua e joga com as palavras. Depois, há o lado filosófico dele, que pode dizer muitas coisas com poucas palavras, demonstrando um poder de condensação único. Dá ideia que Fernando Pessoa não se preocupava com a mensagem, e que cada palavra tem uma mensagem. Ele tem como que uma perfeição mozartiana, é subtil, não tem nem uma vírgula a

mais, assim como Mozart não tem uma nota a mais, porque cada uma é única e necessária na obra acabada.»

O cineasta Jom Tob Azulay tem reflectido sobre a obra de Fernando Pessoa, e por ela entende alguns traços de brasilidade: «A coisa mais importante com relação a Fernando Pessoa, para mim e para o filme *António José, o Judeu*, foi a revelação da importância do sebastianismo como manifestação de um inconsciente político luso-brasileiro. Fernando Pessoa, na linha do padre António Vieira, que ele considerava o maior escritor da língua portuguesa, deu ao sebastianismo uma formulação literária que o legitimou culturalmente. Na verdade, ele nada mais fez do que actualizar o pensamento de Vieira a que

está ligado. Essa é uma forma de lhe prestar homenagem. Aí existe uma componente de misticismo messiânico que sempre esteve presente em todos os momentos cruciais da história de Portugal e que ressurgiu periodicamente na história do Brasil. O sebastianismo esteve na revolta de Canudos, liderada por António Conselheiro, e ressurgiu com a morte de Tancredo Neves, como uma manifestação simbólica e profunda na nossa maneira de ser.»

Às vezes, Fernando Pessoa pode ser um bom motivo para conversar de passados comuns, como num comum dia de semana aconteceu por acaso, quando Fernando Jucá de Castro, maranhense de 54 anos e há trinta carioca de morada e adoção, estava na Livraria Camões, representante no Brasil da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, sabendo o preço da edição Nova Aguilar da poesia completa, que provocou uma exclamação de pesar nos circunstantes, custo pesado para o tempo de crise que passamos. Fernando Pessoa, porque é poeta e português, sensibiliza muito os Maranhenses do tempo em que São Luís estava mais próximo de Lisboa e de Coimbra do que do Rio de Janeiro, e foi por ele que este maranhense do Rio assim falou: «Eu sei do centenário de Fernando Pessoa, porque se fala muito dele em revistas e jornais, é rara a semana em que não vem uma referência a ele. A verdade é que eu sou de uma geração em que se lia muita poesia lá no Maranhão, em que nós gostávamos muito de Fernando Pessoa, e não sei bem dizer porquê, ele está muito próximo da poesia que se fazia lá, talvez pela forma como se expressa. E não sei bem dizer como, mas ele exerceu uma influência nos poetas maranhenses, como Bandeira Tribuzi. Até à década de cinquenta, muita gente do Maranhão tinha mais contacto com Portugal do que com o Sul do Brasil, talvez por isso nós líamos tanto Fernando Pessoa. São Luís ficou isolado por muito tempo, é talvez hoje a capital mais portuguesa do Brasil, e tão ligada à literatura, que houve um tempo em que a Academia Brasileira de Letras quase tinha uma maioria de maranhenses.»

O depoimento de outro maranhense, imortal da Academia Brasileira de Letras, confirma no seu espírito as palavras de Jucá de Castro, o cidadão casual de conversa imediata na cidade. É o escritor Josué Montelo, embaixador do Brasil junto da UNESCO em Paris, e consagrado pela publicação do volume de suas obras completas na Nova Aguilar, que dá o tom de intimidade profunda com a literatura portuguesa das pessoas da sua geração no Brasil, para falar de Fernando Pessoa:

«Há uma velha interpretação de poesia segundo a qual é tão bom poeta aquele que faz o belo verso quanto aquele que tem condições de bem compreendê-lo. A poesia portuguesa sempre encontrou no Brasil leitores ideais que se colocaram à altura da compreensão de um Camões, ou de Gonzaga, António Nobre, Garrett, Teixeira de Pascoais, António Correia de Oliveira. Nenhum depois de António Nobre e de Guerra Junqueiro gozou da popularidade de Fernando Pessoa. A razão não está apenas na grandeza da sua poesia, mas também e sobretudo porque Fernando Pessoa soube dizer aquilo que corresponde à ansiedade de expressão dos seus leitores brasileiros, notadamente por parte dos seus elementos mais jovens. A popularidade de Fernando Pessoa está assim ajustada à



Em 1985 os Jerónimos receberam os restos mortais do autor da «Mensagem»

preocupação de exprimir-se por parte dos leitores brasileiros. Esses leitores, que foram devotos do *Só* e da *Velhice do Padre Eterno*, são hoje os devotos da melhor poesia que se construiu em Portugal depois da geração de Garrett.»

Fernando Pessoa deixa de ser uma meditação solitária para os Brasileiros, quando eles criam espetáculos e dramatizam no palco as múltiplas situações da natureza humana. De uma ou outra forma, são eles os profissionais de teatro os que mais procuram a resposta do poeta no seu sentido universal das coisas. E cada um reage diferente ao seu nome. O autor teatral Roberto de Ataíde, criador do grande sucesso que foi *Apareceu a Margarida*, diz assim: «Cada vez que o leio, é tão diferente de si mesmo, que eu me sinto como o não conhecendo, e não consigo ter uma visão completa dele. Fernando Pessoa, mais do que qualquer outro, exige um aprofundamento para ser conhecido. Sinto por ele uma estranheza e uma grande fascinação também. Ele é muita coisa, mesmo, ninguém nunca fez tanta força para ser difícil de compreender como Fernando Pessoa. Eu, como escritor, tenho horror de fazer coisas com o nome de outra pessoa. Vi o *Mar sem Fim?* achei muito bonito, ele próprio aparecia sentado numa carteira, dançando menos que os outros, mas dançando.»

O actor de teatro e televisão Cláudio Cavalcanti, que preparou o espectáculo sobre o roteiro de Manoel Carlos inspirado na vida de Fernando Pessoa, e que faz o padre Albano da novela *Roque Santeiro* tem uma relação apaixonada com o poeta: «Ele me fala tanto que a minha primeira produção no teatro foi Fernando Pessoa. Fiz espectáculos com textos dele, alguns musicados, no Teatro da Arena, em 1974. Nessa época eu já gostava muito, e depois, pelo próprio estudo das palavras, passei a gostar mais ainda de Fernando Pessoa. Com o espectáculo no Teatro do Senac, está a minha admiração por ele, e a minha maneira de provar, mostrando como ele era um gênio, o que toda a gente já sabe. Tenho bastante coisa dele memorizada, que não esquecerei.»

Marieta Severo, que teve o seu talento de actriz reconhecido pelo Prémio Molière de Teatro, o mais significativo de todos os troféus que no Brasil consagram as carreiras artísticas, gosta de Fernando Pessoa durante a adolescência, e por toda uma temporada dramatizou um poema de Alberto Caeiro na peça de Naum Alves de Souza e *Um Beijo, Um Abraço, Um Aperto de Mão*, em cartaz no Teatro Villa-Lobos. Tomado como toma o conflito entre o rigor da religião tradicional e o interior da vida familiar, Naum recorreu ao poema de Alberto Caeiro na pista de reflexão dos personagens. Marieta, hoje mulher de Chico Buarque de Holanda, fala destes momentos do poeta na sua vida: «Quando tinha 14 anos, comecei a ler Fernando Pessoa, e tinha frases dele rabiscadas na parede do meu quarto, a partir disso, você vê como ele significava já muita coisa para mim. Eu acho que em termos de poesia, Fernando Pessoa é muito entendível para as meninas dessa idade, e foi a primeira pessoa que me fez entrar no mundo da poesia. Inclusive, nesta peça a gente dizia um poema que falava da coisa dele com a religião, e que fizemos imprimir no programa. É aquele poema que chega a uma conclusão acima dos filósofos e das religiões:

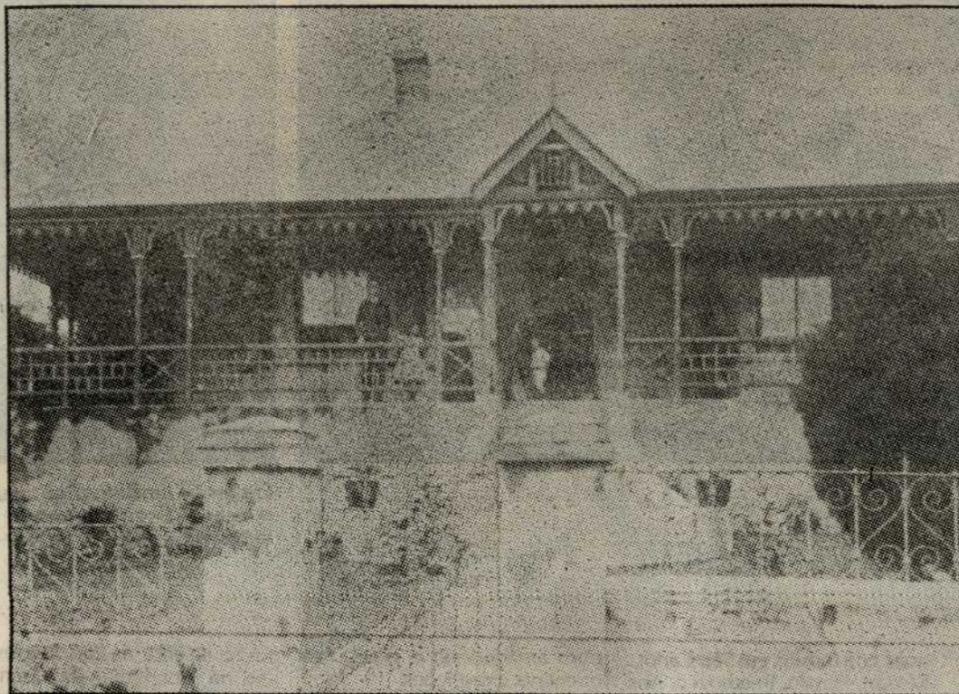
«Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino'»

O autor teatral e roteirista de cinema e televisão, Doc Comparato fala apaixonadamente do poeta, num fôlego só: «Para mim, Fernando Pessoa vive destruindo sonhos e vontades. Eu tenho uns versos de cor que vou dizer porque os acho lindos: "A verdade nem veio nem se foi: o Erro mudou / Cega, a Ciência a inútil gleba lava. / Louca, a Fé vive o sonho do seu culto". Ele é um descrente, não acredita nem na fé nem na ciência, não acredita em nada e ao mesmo tempo acredita em tudo, porque acredita no homem, é um gênio! Eu poderia ficar horas falando de Fernando Pessoa, assim como falaria de Elliot. Nem posso falar, porque me emociono. Na maioria das minhas peças coloco Fernando Pessoa no personagem que vai dizendo versos em suas falas. Eu não consigo nem decorar o meu número de telefone, mas os versos de Fernando Pessoa, tenho-os de cor!»

Os Brasileiros, conscientes na passagem pelos anos sessenta, têm a memória de uma certa



Fernando Pessoa quanto jovem



Uma casa que marcou uma época do poeta: o 'cottage' de Durban

influência recebida de Fernando Pessoa, como o professor titular de Direito Tributário da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Paulo de Barros Carvalho, que para além das leituras obrigatórias se influenciou «porque um amigo meu era muito ligado nele, nós víamos ali uma mensagem importante, não sei exactamente como nos tocava, mas sinto que deixou marcas na nossa geração». Mais preciso é o livreiro pernambucano Tarcísio Pereira, que diz de repente os quatro primeiros versos de *Tabacaria*: «Comecei a ler Fernando Pessoa com vinte anos, gosto muito, tenho os poemas anotados. Um texto dele passou a ser minha filosofia de vida, logo que li pela primeira vez: "Não sou nada / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo"»

Ou podem ser confrontados com Fernando Pessoa, de surpresa, como a actriz Maria Lúcia Frota, mulher de Cláudio Cavalcanti, que numa manhã espantada, a filha de 13 anos responder-lhe à repreensão por não ter cumprido uma

prova no colégio: «Você está se enganando, isso eu destesto», comecei por dizer, «ela me olhou e disse: "Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso. / Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva. / É verdadeira. Aceito. / Cerro os olhos: é bastante. / Que mais quero?" Ai, eu tive de ficar calada, aceitei a justificação dela, apesar de isso ser terrível a nível disciplinar. A gente gosta tanto do Fernando Pessoa que às vezes, quase em conversa, solta uma frase inteira dela.»

E pode acontecer também que o poeta faça lembrar épocas passadas, em episódios fragmentados, como o curto diálogo que a psicanalista Alba Sena, 48 anos, recorda, no contexto da utopia política da sua geração, quando fazia parte de uma célula do Partido Comunista Brasileiro, nos anos cinquenta: «Nós éramos tão radicais que nem sorriamos com nada. Um dia, eu estava muito empolgada com um poema do Fernando Pessoa, que tinha achado maravilhoso, e fui comentá-lo com um camarada meu da célula. Com um ar surpreendido, ele falou: "O quê, um verso

daquele poeta burguês?" Na época, isso me impressionou muito.»

Entre todos os cariocas existe alguém que aposta, de verdade, no encontro casual que lhe poderá acontecer com o poeta, e que fica imaginando os seus caminhos pela cidade. Programador visual, e circulando pela fotografia, cinema, jornalismo, artes plásticas. Alfredo Grieco, 42 anos, conheceu Fernando Pessoa desde que passou a adolescência em Lisboa, onde seu pai serviu como conselheiro cultural da Embaixada do Brasil. Alfredo fala entusiasmadamente do que é, porque poderia ter sido fronteira fluida entre o real e o possível: «O Fernando Pessoa me atrai tanto porque da mesma forma que tinha heterónimos, eu mexo em várias áreas. Eu acho que isso de ele viver aqui não é uma coisa tão onírica quanto possa parecer. Se ele vivesse agora teria um heterónimo brasileiro, um homem universal como o Fernando Pessoa tinha de ter um heterónimo brasileiro. Tem uns momentos em que o Álvaro de Campos parece brasileiro, o Fernando Pessoa

sentiria já algo daqui. Por exemplo, eu acho que o Álvaro de Campos é um antepassado da fossa, aquele surto existencialista dos anos 60 meio decadente, quando a gíria de todo o mundo era "tô na fossa". Assim como ele estava à vontade com Aleister Crowley, ele teria ido hoje no Rio de Janeiro assistir ao *show* do Ultra a Rigor, e frequentaria os mosteiros budistas de Santa Teresa, onde há todo esse clima existencial.»

O poeta faz pensar, ou comove ou inspira outros poetas, que apesar de sua formação literária transmitida no nível erudito das universidades brasileiras, dele falam sem postura de saber. Assim aconteceu com Afonso Romano de Sant'Anna, que parou um minuto para criar um «improvisado pessoal», em homenagem a Fernando Pessoa:

«Pessoalmente gosto de Pessoa
A *persona* de Pessoa me marca-
ra me desmascara
Num múltiplo cara a cara.
Pessoa soa em mim.
Pessoa soa em ti.
Múltiplo Pessoa, passou sou,
só.»

Na aventura de procurá-lo vivo, e de ouvi-lo no improvisado da fala dos Brasileiros, podem surgir grandes momentos, quando o poeta ultrapassa as esquinas dos diálogos bilaterais e aparece nas praças da cidade. A surpresa tinha sido anunciada pelo compositor Morais Moreira, autor da trilha sonora de *Roque Santeiro*, e um dos abençoados pelo sucesso, quando lançou seu décimo LP, *Tocando a Vida* feito *show* num dos grandes espaços alternativos de cultura popular brasileira do Rio de Janeiro, o Parque Laje. Apaixonado pelo disco que André Luís, o músico baiano que todos os músicos conhecem, gravou em homenagem a Fernando Pessoa, Morais Moreira fala do «todo o mundo» que com ele também participou da gravação: Caetano Veloso, Elba Ramalho, Maria Betânia, Gilberto Gil. E conta um sonho:

«Foi um sonho mesmo, às ve-

zes as canções me vêm em sonho. Eu ia viajar para Portugal, e nessa noite vi o Fernando Pessoa. Então, resolvi sintetizar todo o meu sentimento sobre ele, e sobre Portugal, fazendo esta música, que para mim é super importante. É que assim se revela um lado de lusitanidade da minha alma que me deixa muito feliz, e Pessoa é uma grande parte dessa alma. As palavras desta música são:

«Sonhei que estava um dia em Portugal

À toa num Carnaval de Lisboa
Meu sonho voa além da poesia
E encontro o poeta em Pessoa
A lua míngua e a língua lusitana
Acende a chama e a palavra

luzia
Na via pública e em forma de música

luzia das luzias das luzias" — assim eu mostro como o poeta está vivo na gente. E assim pensam muitos outros, a Betânia, que já gravou poemas dele, e o Caetano, que sempre fala dele.»

Noite de sábado no Rio, empolgação da cidade, inundada de novos sons, e dividindo em coro os refrões, foi quando no Parque Laje Morais Moreira falou do Fernando Pessoa. Acompanhado no violão pelo cavaquinho de Armandinho, outro iluminado de música popular brasileira, Morais lançou-se na música, chorinho/fado, acordes entrelaçados de melodia familiar, e o som do frevo por um momento deixando passar as palavras cantadas por todos, que é o jeito de no Brasil se tem de vibrar com a vida acontecendo.

A aventura não tem fim, ela explode de cada vez, não tem limites e acontece sensualmente, que o recado de Fernando Pessoa ultrapassa a sua própria palavra escrita. Que o digam os mestres, íntimos deste mistério de gostar do poeta, renascido a cada geração de brasileiros, e tão singular na diversidade da sua mensagem.

Leonor Xavier



«É frio, toca pelo lado intelectual». A afirmação é de Drummond de Andrade